



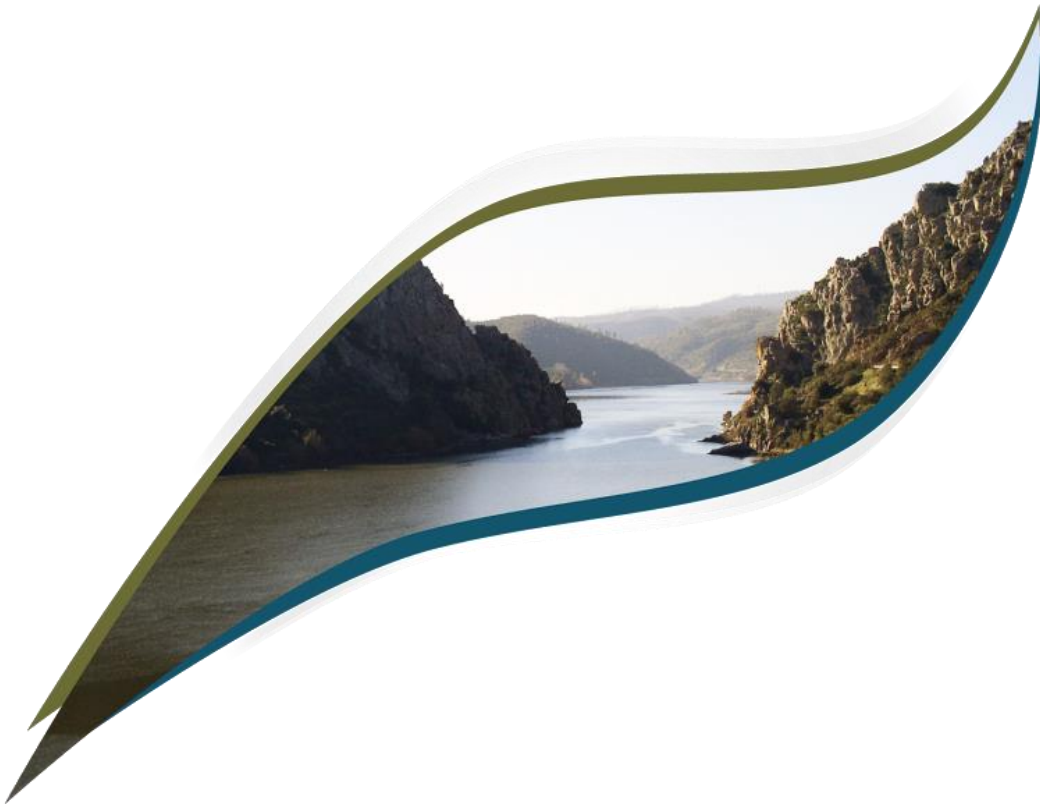
||| **JORNADAS
DE ARQUEOLOGIA**
do Vale do Tejo

LIVRO DE RESUMOS

Editores:
Silvério Figueiredo
Ana Rita Pimenta



||| JORNADAS
DE ARQUEOLOGIA
do Vale do Tejo



*Compreensão das dinâmicas
de interação a grandes distâncias
ao logo dos tempos na Bacia do Tejo*



Centro Português
de Geo-História
e Pré-História

III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo:

(Livro de resumos)

Editores:

Silvério Figueiredo

Ana Rita Pimenta

Compreensão das dinâmicas de interação a
grandes distancias ao longo da Bacia
Hidrográfica do Tejo

Atividade enquadrada no Ano Internacional do
Entendimento Global, promovido pela UNESCO

Nome: III Jornadas de Arqueologia: Livro de Resumos

Primeira edição: Maio de 2016

Tiragem: 100 exemplares

ISBN: 978-989-96416-4-8

<http://www.i-m.co/cpgp/jornadas/parcerias-.html>

Editores: Silvério Figueiredo
Ana Rita Pimenta

Edição: Centro Português de Geo-História e Pré-História

Copyright © 2016 Centro Português de Geo-História e Pré-História

Sem autorização expressa do editor, não é permitida a reprodução parcial ou total deste livro de resumos, desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da investigação das temáticas contidas neste livro.



ÍNDICE

Apresentação	7
Pré-História e Proto-História	9
SIG	13
Paleontologia e Paleantropologia	14
Arte Rupestre	16
Património e Arqueologia Preventiva	19
Romano	21
Idade Media	23
Idade Moderna	25
Geoarqueologia	29
Pósteres	31

HONRA

Dr. Luís Miguel Ferro Pereira

(Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão)

CIENTÍFICA

Cristiana Ferreira

(Instituto Terra e Memória, Mação)

Davide Delfino

(*Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; Instituto Terra e Memória-Mação; Câmara Municipal de Abrantes-Projeto*

M.I.A.A.)

Fernando Coimbra

(Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

Hipólito Collado Giraldo

(Presidente da IFRAO (International Federation of Rock Art Organisations); Consejería Educación y Cultura; Gobierno de Extremadura)

Joaquim Candeias da Silva

(Academia Portuguesa de História)

João Caninas

(Associação de Estudos do Alto Tejo; CHAIA - Universidade de Évora)

João Luís Cardoso

(Universidade Aberta, Lisboa; Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras)

José Julio Garcia Aranz

(Departamento Arte y Ciencias del Territorio; Universidade de Extremadura)

Luiz Oosterbeek

(Instituto Politécnico de Tomar; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

Luís Raposo

(Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)

Mário Antas

(Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa; Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa)

Mário Varela Gomes

(Universidade Nova de Lisboa)

Pedro Proença Cunha

(Grupo de Investigação - Sistemas Sedimentares, Hidrodinâmicas e Mudanças globais
Departamento de Ciências da Terra; Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra)

Pierluigi Rosina

(Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra
Universidade de Coimbra)

Sara Cura

(Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo, Mação)

Silvério Figueiredo

(Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa; Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

ORGANIZADORA

Silvério Figueiredo

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

Fernando Coimbra

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

Francisco Henriques

(AEAT)

Arlinda Fortes

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

Mário Santos

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

Rita Pimenta

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

Liliana Oliveira

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

Sofia Ferreira

(Centro Português de Geo-História e Pré-História)

APRESENTAÇÃO

O Vale do Tejo é uma região muito rica em vestígios arqueológicos. Nela estão documentadas várias ocupações humanas desde o Paleolítico Inferior. Existem inúmeras estações arqueológicas espalhadas pelas margens do rio. Devido à sua importância científica, desde o século XIX que inúmeros arqueólogos têm investigado, estudado a arqueologia do Tejo. Por todas estas razões justificou-se a organização, pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História, no auditório do Museu da Cerâmica de Sacavém, em Loures, cedido pela Câmara Municipal de umas jornadas dedicadas à arqueologia do Vale do Tejo, entre os dias 3 e 6 de Abril de 2008 e, mais tarde, um Congresso de Arqueologia da Bacia Hidrográfica do Tejo, que decorreu entre 19 e 22 de Abril de 2011. Em 2013, organizaram-se as II Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, no Museu Nacional de Arqueologia. Nestes eventos foram apresentadas várias comunicações de diversas áreas ligadas à arqueologia do Vale do Tejo.

Tal como nas edições anteriores, as III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, têm como principal objetivo apresentar e divulgar os trabalhos mais recentes de arqueologia e ciências relacionadas realizados no Vale do Tejo. Irão decorrer entre os dias 13 e 15 de Maio de 2016 na Casa de Artes e Cultura do Tejo, em Vila Velha de Ródão, gentilmente cedida pela Câmara Municipal.

Organizadas pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História, as III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo têm como coorganizadores a Associação de Estudos do Alto Tejo e a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão. Contam com 10 parceiros nacionais e internacionais. Um desses parceiros é a Comissão do Ano Internacional para o Entendimento Global, enquadrando-se este evento no Ano Internacional para o Entendimento Global, salientando-se o Vale do Tejo como uma zona de contactos entre as comunidades humanas que se estabeleceram nessa região ao longo dos tempos. Assim, esta III edição das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo tem como subtítulo “compreensão das dinâmicas de interação a grandes distâncias ao longo dos tempos na Bacia do Tejo”.

Os Editores

Silvério Figueiredo

Ana Rita Pimenta

PRÉ-HISTÓRIA E PROTO-HISTÓRIA

O Paleolítico Inferior do Vale do Tejo

João Pedro Cunha Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Palavras-chave: Bacia hidrográfica do tejo, Pleistocénico Médio, ocupação Humana.

O Tejo é o mais comprido rio da Ibéria, atravessando a respetiva bacia hidrográfica a configuração maciça e continental da península, desde o seu interior até ao litoral atlântico.

Não admira pois a profusão de achados e jazidas arqueológicas que ao longo do seu curso testemunham a presença continuada do homem do Paleolítico Inferior durante a segunda metade do Pleistocénico Médio. No território português esta concentração de vestígios propiciou mesmo ao longo de quase século e meio o desenvolvimento de inúmeras investigações.

Mas se a maior ou menor antiguidade dos achados aí realizados e os modelos evolutivos que em torno deles se criaram, deram origem às mais diferentes interpretações, muitas das quais se foram afirmando em detrimento de outras que as precederam, a realidade mais recente veio lançar novos desafios. A realização de datações absolutas em distintos contextos e com recurso por vezes a diferentes métodos, não deixando de comportar saudáveis polémicas, nem por isso deixou de federar um conjunto de investigações que se foram desenvolvendo de forma segmentada pelo vale. Reavivando ao mesmo tempo velhos paradigmas e criando outros, nem sempre consensuais, com o intuito porém de melhor conhecer a realidade arqueológica envolvida.

Dois novos sítios Paleolíticos em Vila Velha de Ródão: Cobrinhos e Monte da Revelada

Telmo Pereira¹, Olívia Figueiredo², Eduardo Paixão¹, Francisco Henriques², João Caninas^{2,3}, David Nora², Marina Évora¹, Daniela Maio², Emanuel Carvalho³, Cátia Mendes³, Catarina Gil³, André Pereira³, Mário Monteiro³, Luís Raposo⁴

1 – Universidade do Algarve; 2 Associação de Estudos do Alto Tejo; 3 - CHAIA - Universidade de Évora; 4 – Museu Nacional de Arqueologia

Palavras-chave: Vila Velha de Ródão, Mustierense, Levallois, quartzito, quartzo

A promoção do desenvolvimento económico em Vila Velha de Ródão entre os anos de 2014 e 2016 resultou na identificação de dois novos sítios arqueológicos associáveis a populações caçadoras-recolectoras. O primeiro, Cobrinhos, é uma jazida bem delimitada numa área de 1600 m² e 60 cm de profundidade máxima, com dezenas de milhares de artefactos em pedra talhada claramente atribuíveis ao Mustierense, nomeadamente núcleos *Levallois* – recorrentes e preferenciais – Discóide e Quina, lascas, pontas pré-determinadas e uma ampla diversidade de raspadores e outros utensílios retocados. Estes artefactos são predominantemente produzidos a partir de blocos angulosos resultantes da erosão das cristas quartzíticas imediatas e também em quartzo, neste caso em muito baixa frequência, amiúde leitoso e de má qualidade.

O segundo, Monte da Revelada, foi recentemente identificado (pelo que possui menos informação). Apresenta largas centenas de artefactos também em pedra talhada, aparentemente atribuíveis ao final do Plistocénico ou início do Holocénico, nomeadamente bigornas, grandes núcleos não preparados ou configurados em quartzito e respetivas lascas com grandes quantidades de córtex e pouco padronizadas, bem como lascas em quartzo, em regra sempre mais pequenas e algumas delas mesmo muito mais pequenas. Ao contrário de Cobrinhos, os artefactos em quartzito são predominantemente produzidos sobre seixo rolado e os em quartzo, presentes em grande frequência, surgem nas variantes leitoso e hialino, amiúde com muito boa qualidade.

Apesar de distarem entre si apenas cerca de 1 Km, as diferenças na aquisição das matérias-primas parecem sugerir que o primeiro tem uma maior relação com os depósitos de vertente resultantes da erosão das cristas de quartzito, ao passo que o segundo parece ter uma maior relação com o depósito de terraço fluvial que lhe fica subjacente.

Tecnologia Simples, Comportamento Complexo, no Pleistocénico Final do Vale do Tejo: exemplo da Ribeira da Ponte da Pedra

Sara Cura^{1,2}; Stefano Grimaldi⁵; Pierluigi Rosina^{2,3} e Pedro Cura⁴

1 – Câmara Municipal de Mação; 2 - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; 3 - Instituto Politécnico de Tomar 4 - PrehistoricSkills 5- Universidade de Trento

Palavras-chave: Tecnologia lítica, Quartzito, Comportamento Humano

A indústria lítica da Ribeira da Ponte da Pedra (OIS8-9) foi produzida, quase exclusivamente, através da exploração de seixos fluviais rolados de boa qualidade granulométrica e com uma morfologia regular. Os seixos fluviais de quartzito são a matéria-prima mais comum nas ocupações do Pleistocénico Médio em Portugal. Tal resulta da fácil acessibilidade e disponibilidade destes seixos nos vales fluviais onde a maior parte dos sítios desta cronologia se encontram, mas também das suas boas propriedades físicas e aptidão para o talhe.

De um ponto de vista tecno-tipológico a indústria lítica da Ribeira da Ponte da Pedra é caracterizada pela aplicação de duas principais sequências de redução que resultam numa alta frequência de seixos talhados, seixos retocados, lascas corticais, semi-corticais, lascas retocadas, alguns núcleos e raros artefactos bifaciais. Alguns artefactos apresentam modificações nas margens irregulares e variáveis que denominamos retoque «informal». Este pode ser o resultado da utilização deste suportes ou alteração das margens por fenómenos pós deposicionais. Desde um ponto de vista estritamente técnico a indústria pode ser interpretada como simples, no entanto podemos vislumbrar uma inerente complexidade que se inicia numa cuidada seleção dos seixos de quartzito, cuja morfologia regular permite uma produção pré-determinada de suportes regulares em dimensão e morfologia.

Entre a Idade do Bronze Final e a Primeira Idade do Ferro no Médio Tejo Português: dinâmicas de contactos com o mundo mediterrânico

David Delfino^{1,2, 3} e Filomena Gaspar³

1 – Centro de Geociências da Universidade de Coimbra, 2 - Instituto Terra e Memória-Mação, 3 - Câmara Municipal de Abrantes-Projeto M.I.A.A.

Palavras-chave: Bronze, Médio Tejo, Idade do Ferro, Mação, Abrantes

As dinâmicas das comunidades humanas no Médio Tejo português entre os séculos XIII e VII a.C. começam a ser, há alguns anos, investigadas de modo sistemático, sobretudo nos Concelhos de Mação e Abrantes.

Para a Idade do Bronze Final houve um sistema de povoamento baseado em povoados de altura amuralhados, como o Castelo de Abrantes, o Cerro do Castelo (Vila de Rei) e o Castelo Velho do Caratão (Mação), com alguns indícios de pequenos povoados agrícolas abertos na planície aluvial do Tejo. A região, por um lado pobre de recursos de cobre e sem estanho e, por outro lado, rica de recursos auríferos, provavelmente propiciou um sistema de troca com artefactos e sucadas de bronze com as Beiras e o litoral Atlântico, controlado pelos povoados de altura. No séc. VII a.C. se verifica o contacto com os Fenícios, provenientes do Baixo Tejo português, como é testemunhado por cerâmica de engobe vermelho encontrada no Castelo de Abrantes: este fenómeno é sincrónico, de acordo com as datações radiométricas, com o surgimento, em áreas mais internas, de novas estações amuralhadas de altura ou com a construção de muralhas em povoados de altura já existentes.

De facto o pouco material fenício só se encontra na área ribeirinha. Esta coincidência poderia significar uma orientalização das comunidades ribeirinhas e uma conflitualidade entre elas e as comunidades mais do interior?

O Recinto de Chão de Galego (Proença-a-Nova) e a sua Contextualização arqueológica e Histórica

Paulo Jorge Soares Félix¹; João Carlos Caninas^{1,2}; Francisco Henriques² e Cátia Mendes²

1 - Associação de Estudos do Alto Tejo; 2 - CHAIA - Universidade de Évora;

Palavras-chave: Recintos; Idade do Bronze; Idade do Ferro

Uma das linhas de investigação que tem assumido um interesse cada vez maior por parte dos arqueólogos e pré-historiadores nos últimos anos é o da identificação, caracterização e interpretação dos recintos circunscritos, qualquer que seja a forma e estrutura do tipo de confinamento utilizado, com maior ou menor materialidade e visibilidade para nós, investigadores, ou para quem os viu e utilizou na época em que funcionavam.

Apresentamos, neste trabalho, os primeiros resultados das escavações realizadas no recinto muralhado de Chão de Galego (Proença-a-Nova), enquadradas no âmbito do Projeto Mesopotamos e do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN).

Este é um entre tantos outros sítios conhecidos no distrito de Castelo Branco com cronologias compreendidas entre o final da Idade do Bronze e os inícios da Romanização, mas, ao mesmo tempo, tão singular devido aos problemas de caracterização e interpretação que nos são colocados.

Os Desafios da Gestão da Informação Arqueológica para a Região do Médio Tejo, com Recurso a Sistemas de Informação Geográfica.

Rita Ferreira Anastácio

Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

Palavras-chave: Sistemas de Informação Geográfica, Gestão da Informação Arqueológica, nível de interesse arqueológico-cultural, Região do Médio Tejo.

A construção de um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de apoio à gestão da informação arqueológica pressupõe a definição de uma base de dados geográfica rigorosa e atualizável que permita não só pesquisar informação, mas também, utilizá-la não só numa perspetiva de gestão mas sobretudo ao nível da definição de estratégias intermunicipais de cariz cultural.

A partir dos dados arqueológicos que constam da Base de Dados Oficial da Direção Geral do Património Cultural – Endovélico, em articulação com a bibliográfica da especialidade, foi estruturada uma Base de Dados Geográfica com os sítios arqueológicos de Interesse Cultural do Médio Tejo. A informação foi compilada, validada, corrigida e classificada, e permitiu ter uma perceção conjunta da distribuição geográfica de âmbito intermunicipal.

Os sítios arqueológicos foram classificados segundo cinco critérios: a Raridade, a Singularidade, a Fragilidade, o Estado de Conservação e a Classificação de Interesse Institucional dos bens culturais, sendo possível estabelecer o nível de interesse arqueológico-cultural para cada um dos sítios. Como resultados verificou-se a predominância de sítios arqueológicos de Interesse Cultural satisfatório, assim como a dispersão de sítios arqueológicos de Interesse Cultural superlativo, na Região do Médio Tejo.

PALEONTOLOGIA E PALEOANTROPOLOGIA

A Avifauna do Plistocénico do Vale do Tejo: paleoecologia, variedade e questões tafonómicas

Silvério Figueiredo

Centro Português de Geo-História e Pré-História; Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências da Universidade de Coimbra.

Palavras-chave: aves, Paleoecologia, tafonomia, Plistocénico, Vale do Tejo

Em Portugal existem várias jazidas com restos de aves fósseis, desde o Jurássico Médio até ao Holocénico. Os restos de aves plistocénicas, encontradas em Portugal encontram-se em contexto arqueológico, com exceção dos vestígios encontrados recentemente na costa alentejana (pegadas). Algumas destas jazidas encontram-se no Vale do Tejo.

Os indicadores paleoecológicos e paleoambientais associados às espécies de aves encontradas nestas jazidas, proporcionados pelo estudo dos restos fósseis destas aves, que viveram num intervalo de tempo entre os 240 mil anos BP (Galerias Pesadas) e os 10 mil anos BP (Gruta do Caldeirão), apontam que, durante este período de tempo, não houve grande alteração de ambientes comparativamente com os ambientes atuais.

As jazidas em gruta e as jazidas de ar-livre com presença de aves e ocupação humana apresentam um carácter paradigmático na interpretação dos processos tafonómicos típicos destes dois tipos de sítios e os cuidados a ter com as interpretações. No primeiro caso (as grutas) documenta um palimpsesto que resulta muito mais da acumulação produzida por predadores, sejam eles mamíferos, aves ou até répteis. Enquanto o segundo caso (sítios de ar-livre com fauna), apresenta, na sua maioria um palimpsesto verdadeiramente antrópico. A raridade ou a Ausência de restos de aves em sítios de ar-livre indica que as aves constituíam, para o Homem do Paleolítico Médio, uma fonte de alimentação residual.

Os Crânios com Evidências de Manipulação dos Concheiros de Muge

Carlos Vitor Didetet Durão Vasques
Câmara Municipal de Lisboa

Palavras-chave: Mesolítico, práticas rituais, trepanação, crânios humanos.

Da análise de crânios provenientes dos concheiros da Moita do Sebastião e do Cabeço da Arruda, em depósito no Museu Geológico, foi possível constatar a existência de manipulações presentes em vários crânios provenientes das referidas estações arqueológicas. Apresenta-se uma súmula do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido através da análise dos crânios em depósito no Museu.

Fotogrametria Aplicada ao Estudo e à Conservação da Arte Rupestre.

João Belo¹ e Fernando Coimbra^{2,3}

1 – FlyGis; 2 - Centro Português de Geo-História e Pré-História; 3 - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

Palavras-chave: Fotogrametria digital, modelação tridimensional, arte rupestre conservação

A fotogrametria não é uma técnica recente. Todavia, a fotogrametria digital, em particular na última década, tem sido amplamente utilizada com sucesso para o registo, estudo e divulgação de variadíssimos objetos, a diversas escalas. As suas aplicações à arqueologia e à arte rupestre são hoje uma realidade, pelas excelentes capacidades de rigor, rapidez e baixo custo proporcionados pelo emprego destas técnicas.

A arte rupestre incisa é complexa de visualizar, interpretar e representar: quer pela sobreposição, densidade, profundidade ou espessura dos elementos inscritos, quer pela presença de líquenes, pela erosão acentuada ou por ensombramento, sendo alguns desses elementos tão ténues, que, na ausência de condições de luminosidade ótimas, podem ser de muito difícil visualização.

Neste trabalho apresentamos uma excelente solução para os problemas de registo, interpretação e divulgação de arte rupestre, baseada em técnicas de fotogrametria de curta distância e *computer vision*.

São enumeradas algumas possibilidades técnicas, suportadas por diversas tecnologias, para a modelação tridimensional de arte rupestre. Apresenta-se a metodologia utilizada e os resultados obtidos do levantamento fotográfico e modelação fotogramétrica 3D de dois painéis de arte rupestre incisa, estudos de caso localizados no concelho da Sertã. Debatem-se algumas vantagens e desvantagens das técnicas e método empegados, assim como algumas das dificuldades encontradas.

A qualidade dos resultados obtidos é clara pelo rigor métrico e geométrico, pelo elevado detalhe dos objetos modelados, pela capacidade de visualização e manipulação 3D. Os modelos gerados apesentam excelentes potencialidades de análise, visualização e divulgação.

Exemplos de Arte Rupestre da Idade do Bronze e da Idade do Ferro no Vale do Tejo.

Fernando Coimbra^{1,2}

1 - Centro Português de Geo-História e Pré-História; 2 - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

Palavras-chave: picotagem, incisão, tipologia, Idade do Bronze, Idade do Ferro

O autor apresenta alguns exemplos de gravuras dos períodos finais da Arte Rupestre do Vale do Tejo, focando-se em sítios dos concelhos ribeirinhos: Mação, Vila Velha de Ródão e Nisa.

É proposta uma tipologia de motivos para cada um daqueles municípios, referindo-se ainda alguns paralelos existentes na bacia hidrográfica do Alto/Médio Tejo Português.

Relação dos Suportes Rochosos com a conservação das Gravuras do Complexo Rupestre do Vale Tejo.

Hugo Gomes^{1,2}; Vera Moleiro¹; Sara Garcês¹; João Baptista⁴ e Luiz Oosterbeek^{1,2,3} e Rita Ferreira Anastácio^{2,3}

1 - Instituto Terra e Memória; 2 - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; 3 - Instituto Politécnico de Tomar 4 - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;

Palavras-chave: Rio Tejo, Gardete, Maciço Antigo, Arte Rupestre

O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo é considerado um dos maiores e mais importantes complexos de arte rupestre pré-histórica da Península Ibérica, assim os estudos deste sítio assumem um papel determinante na compreensão das dinâmicas comportamentais humanas no Alto Ribatejo.

Constituído por cerca de 12 núcleos de arte rupestre, apenas três estão hoje visitáveis como o núcleo de gravuras do rio Ocreza, o Cachão de São Simão e o núcleo rupestre do Gardete. A área intervencionada localiza-se no Maciço Antigo, também designado por Maciço Hespérico. Geologicamente o Grupo das Beiras, anteriormente designado por Complexo Xisto-Grauváquico (Edicariano terminal ao Câmbrico Médio) é formado por uma megassequência litoestratigráfica que corresponde, na generalidade, a um conjunto alternante de metagrauvaques e xistos de espessura quilométrica (Romão et al., 2013).

Procedeu-se à coleta de amostras de rochas de vários sítios do Complexo Rupestre para uma caracterização petrográfica dos painéis com gravuras rupestres. Todas as amostras recolhidas se encontravam em situação de despreendimento, não tendo assim sido destruído qualquer tipo de património artístico e/ou geológico.

A informação geológica obtida a partir desta análise fornece pistas sobre como foram selecionados e utilizados os painéis ou se é uma questão de preservação/conservação.

Este tipo de informação, juntamente com outras evidências, pode suportar conclusões sobre os padrões de assentamento e mobilidade.

Gardete, uma proposta de intervenção

Mário Benjamim

CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da UÉvora

Palavras-chave: Arte Rupestre, Médio Tejo, Projeto, Heterotopias, Identidade

O núcleo arqueológico de Gardete situa-se a montante da barragem do Fratel, no Médio Tejo, e devido à sua localização e facilidade de acessos, proporciona-nos “ainda” o contacto direto com as gravuras rupestres e com a leitura de paisagem onde estas se inserem.

Fazendo confluir diferentes momentos históricos, o contexto envolvente ao núcleo arqueológico remete-nos para o entendimento do lugar e para as suas pré-existências, pré-históricas e atuais, nas quais se manifesta a intimidade que a arte rupestre mantém com a paisagem, e na qual culturalmente se expressa.

Paisagem, que é condicionada por um complexo conjunto de atuações alheias à riqueza e singularidade do seu legado, e que se pode equiparar a um mosaico de tipologias sobrepostas entre o passado e o presente, que apesar de apresentarem graves desequilíbrios e disfunções, mantém ainda evidentes as marcas espaciais da relação entre as suas comunidades e o seu território.

A proposta de introdução de um percurso interpretativo, visa, levantar questões de análise e de leitura sistemática do lugar, que se manifestam em forma de experiência, de ação e de subjetividade, e que se altera constantemente no campo perceptivo de cada indivíduo através da sua própria leitura, por uma rede de mnemónicas, signos, imaginários e linguagens.

Importa-nos uma resposta através da disciplina da arquitetura que recorra e decorra da interpretação cognitiva e emocional do lugar, da descodificação dos sinais de invariância e de transformação dos sítios da paisagem, permitindo simultaneamente sistematizar uma metodologia de intervenção em sítios de arte rupestre com características similares.

PATRIMÓNIO E ARQUEOLOGIA PREVENTIVA

A Carta Arqueológica da Chamusca: dados preliminares

Fernando Coimbra^{1,2}; Raquel Lázaro³ e Rita Ferreira Anastácio^{2,4}

1 - Centro Português de Geo-História e Pré-História; 2 - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; 3 - Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa 4 – Instituto Politécnico de Tomar

Palavras-chave: Carta Arqueológica, Chamusca, prospeção, inventariação, salvaguarda

No seguimento dos contactos com a Câmara Municipal da Chamusca e dado o interesse da autarquia no desenvolvimento deste projeto, o Centro Português de Geo-História e Pré-História foi encarregue de fazer o levantamento arqueológico para a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca.

Uma grande parte da informação recolhida sobre a arqueologia do concelho da Chamusca encontra-se na posse de particulares. Nos anos oitenta do século XX, alguma informação foi cedida à Câmara Municipal, que, pontualmente, tem sido responsável por algumas publicações sobre a arqueologia concelhia. Deste modo, o conhecimento sobre a arqueologia do Concelho da Chamusca é, até ao presente, de certo modo escasso, excetuando-se um inventário realizado recentemente, abarcando um marco temporal que se estende desde o Período Romano até à Idade Moderna, realizado pela segunda signatária. Outra exceção é um levantamento efetuado durante o ano de 2003, de que resultou a descoberta de alguns sítios com materiais líticos. Estes trabalhos enquadraram-se nas campanhas de prospeção das zonas ardidas nesse ano, no âmbito do projeto TEMPOAR. Para além destes dois inventários, relativamente à Pré-História e à Proto-História pouco tem sido feito, o que se pode constatar pela reduzida bibliografia disponível. Todavia, alguns materiais arqueológicos recolhidos no concelho desde o segundo quartel do século XX, demonstram que a ocupação humana do território que hoje constitui o concelho da Chamusca remonta ao Paleolítico, existindo ainda informação dispersa na bibliografia sobre sítios com cronologia da Pré-História recente e da Proto-história, cuja localização exata importa efetuar.

A Carta Arqueológica da Golegã: dados preliminares.

Silvério Figueiredo^{1,2,3}, Sofia Ferreira¹; Liliana Oliveira⁴ e Rita Ferreira Anastácio^{2,3}

1 - Centro Português de Geo-História e Pré-História; 2 - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; 3 – Instituto Politécnico de Tomar; 4 – Câmara Municipal da Golegã

Palavras-chave: Golegã, Carta Arqueológica, Rio Tejo, prospeção, inventariação, salvaguarda

No seguimento de um protocolo assinado entre a Câmara Municipal da Golegã e o Centro Português de Geo-História e Pré-História, no qual a CMG cedeu ao CPGP as instalações da Escola Primária de São Caetano para instalação do Núcleo Museológico e do Núcleo de Investigação do CPGP, ficou estabelecido que o CPGP iria fazer o levantamento arqueológico do Concelho. O conhecimento sobre a arqueologia do concelho da Golegã é escasso. Foi já feito um inventário de algum material em posse da CMG, que resultam de algumas ofertas de particulares à CM Golegã e de trabalhos efetuados no âmbito de estágios curriculares de arqueologia realizados na autarquia. Existem segundo dados do portal do arqueólogo, 35 sítios no Concelho. Dos materiais encontrados em depósito da Câmara Municipal, 4 deles não estão na base de dados do Endovélico. Foram identificados sítios do Paleolítico, do Calcolítico, do Neolítico, da Idade do Ferro, da Idade do Bronze, do Romano e do período Moderno. As últimas prospeções arqueológicas conhecidas no Concelho da Golegã são do ano 2014, como consta do portal do arqueólogo.

Acompanhamento Arqueológico da Rua Nova do Carvalho, nº 29.

Sofia Silvério^{1,2}

1 - Centro Português de Geo-História e Pré-História; 2 – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)

Palavras-chave: Lisboa; Idade Moderna; Acompanhamento arqueológico

No âmbito das obras de alteração de um estabelecimento de bebidas, situado na Rua Nova do Carvalho, nº 29, freguesia de Misericórdia, em Lisboa, inserido na área considerada como Nível Arqueológico 2, das Áreas de Valor Arqueológico, foram realizadas escavações arqueológicas previamente ao início das obras, assim como o acompanhamento do rebaixamento do piso e outras intervenções pontuais. Integrado em malha urbana classificada “Lisboa Pombalina, CIP”, especificamente nos denominados Bairros dos Remolares do Cais de Sodré, o imóvel em questão, resulta da construção do viaduto da Rua do Alecrim, sobre armazéns abobadados, logo após o terramoto de 1755, e por ordem expressa de marquês de Pombal. O imóvel em questão terá estado ligado à indústria naval, tendo sido antigo armazém de cordas, muito provavelmente utilizadas na construção de barcos, e só mais recentemente terá funcionado como depósito de bebidas. A intervenção arqueológica permitiu confirmar a datação atribuída ao edifício, estando assente em aterro de entulho de materiais de construção resultantes, naturalmente, do terramoto de 1755, em particular grandes quantidades de fragmentos de azulejos. Acresce a particularidade, de algumas técnicas construtivas constatadas no decorrer dos trabalhos, nomeadamente a utilização de Breu (utilizado na impermeabilização de cordas navais e calafetagem de barcos) para estanquicidade de infiltrações de água no interior do edifício.

Notas introdutórias sobre o povoamento Romano no Concelho da Chamusca.

Raquel Lázaro

Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa - raquel.m.s.l@hotmail.com

Palavras-chaves: Ribatejo, Inventário, Romanização, Património Arqueológico.

O período romano no Concelho da Chamusca encontra-se até ao momento por estudar. É possível identificá-lo nesta área específica do território português, através de vários fatores determinantes que caracterizaram não só a Romanização, mas toda a época romana na Península Ibérica.

Existem várias menções dispersas em múltiplas publicações de variadíssimos autores, mas não existe um estudo aprofundado sobre os locais arqueológicos. O período romano neste concelho favoreceu de achados isolados elaborados por particulares e identificação de sítios arqueológicos e com potencial arqueológico através de trabalhos pontuais.

Através da realização do estudo de inventário, e conjuntamente uma observação sobre o respetivo povoamento do território do Concelho da Chamusca compreendido entre a época Romana e a época Moderna, para a elaboração do meu trabalho final de mestrado foi possível assim recolher informações e dados respetivos ao período romano que permitiram identificar cerca de 41 sítios arqueológicos e com potencial arqueológico.

Estes dados foram recolhidos através de informação identificada nas fontes bibliográficas nos documentos da época já publicados e nas informações orais que se foram recolhendo. Com estes dados foi possível proceder à elaboração do estudo, ainda que muito preliminar, do povoamento de época Romana existente no Concelho da Chamusca, e contribuindo diretamente para a conhecimento do património arqueológico deste município, privilegiando assim a sua salvaguarda, preservação e valorização junto da comunidade e da autarquia local.

Um Concordiense por Terras de Ródão ao Tempo dos Romanos.

Manuel de Jesus Marques Leitão
Centro Português de Geo-História e Pré-História

Palavras-chave: Epigrafia, Romano.

A presente comunicação visa destacar a importância da epigrafia romana como fonte para o estudo da movimentação de população no concelho de Vila Velha de Ródão ao tempo dos romanos, tendo como base a análise da inscrição funerária da Cadaveira, hoje depositada no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco.

Este registo forneceu uma nova perspetiva sobre a análise de um monumento que se reveste de extrema importância, porquanto documenta um natural de Concordia, que teria falecido aos 60 anos na região de Vila Velha de Ródão.

Tesouro Monetário de Ulme - Chamusca – Portugal.

Nuno Ribeiro
Doutor em Pré-História e História Antiga pela Universidade de Salamanca, Presidente da APIA,
Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica

Palavras-chave: Tesouro, República, Roma, Lusitânia

Em 1975 foi descoberto um tesouro monetário de época romana/republicana século II a.C. em Ulme, Concelho de Chamusca, Portugal. Na sequência de uma plantação de uma monocultura, sem que o ministério da Cultura de Portugal tivesse sido informado. Deste tesouro fariam parte umas centenas de numismas que terão sido vendidas para o estrangeiro. O presente artigo reporta o estudo de dois destes *specimens* que não se perderam e que se encontram na posse de um particular.

Atalaias da Raia na Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa: olhos de um território Aberto a leste e a sul.

Francisco Henriques¹; Mário Monteiro¹; João Carlos Caninas^{1,2};

1 - Associação de Estudos do Alto Tejo 2 - CHAIA - Universidade de Évora;

Palavras-chave: Torres de vigia; época moderna; rio Tejo; rio Erges

No sul da Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa, ao longo das margens dos rios Tejo e Erges, que fazem fronteira com Espanha, foram edificadas diversas estruturas de vigilância destinadas a monitorizar a entrada de contingentes militares inimigos. São denominadas localmente como atalaias. Na margem oposta, em território espanhol, existem estruturas semelhantes.

Estas estruturas, em alvenaria de pedra, são de pequena dimensão, de planta circular e de configuração troncocónica ou cilíndrica. A informação documental a que se teve acesso sugere uma cronologia do século XVII, remetendo-as para as escaramuças e controlo da fronteira, sucedâneas da restauração da independência portuguesa em 1640.

Como postos de vigilância periféricos estariam em conexão com estruturas de segunda linha, maiores, mais sólidas e mais capazes de manter em permanência uma pequena guarnição militar, ou diretamente com praças principais.

Notícias preliminares sobre a Necrópole Medieval/Moderna da Ermida de São Sebastião (Montijo): Projeto de Estudo e Valorização da Ermida de São Sebastião

Liliana Campeão dos Santos
Arqueóloga

Palavras-chave: Valorização Patrimonial, Montijo, Ermida de São Sebastião

Apresentam-se os dados arqueológicos resultantes da intervenção realizada no âmbito do Projeto de Estudo e Valorização da Ermida de São Sebastião, localizada no concelho de Montijo. Trata-se de um monumento religioso classificado como de interesse municipal.

As autoras mencionam a presença de uma Necrópole no interior da Ermida e de frugais indícios da sua existência no exterior. Identificam, também, algumas estruturas e artefactos arqueológicos que ajudam a compreender parte da História deste monumento religioso com reminiscências desde o século XVI.

Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos XI e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles islâmicas.

Marco Liberato e Helena Santos
1CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências

Palavras-chave: Santarém, necrópoles islâmicas, estrutura urbana, séculos X-XIII

Pretende-se apresentar e interpretar a localização das várias necrópoles islâmicas identificadas até ao momento na cidade de Santarém, com destaque para o estabelecimento da diacronia da sua utilização, revelada pela correlação estratigráfica com outro tipo de contextos. Verificando-se um afastamento sucessivo dos necrotérios face ao núcleo da Alcáçova, a análise integrada desta constatação com outros dados e fontes permite, modelar a progressiva expansão da área edificada no período histórico considerado.

Canal Filipino de Alfanzira (Mouriscas, Abrantes): um património também arqueológico por descobrir e valorizar.

Joaquim Candeias
Academia portuguesa de História

Palavras-chave: canal filipino, Alfanzira (Mouriscas, Abrantes), navegabilidade do Tejo

O Canal de Alfanzira (Mouriscas, Abrantes) é uma obra de engenharia rara, que não só documenta bem o engenho do seu autor (Antonelli), ou do seu promotor (Filipe I de Portugal), mas também um tempo novo – como foi o início da “monarquia dualista” – e bem assim a importância que este rio então passou a ter para a navegação ibérica. Representa ainda, e muito bem, uma das muitas formas de domínio do Homem sobre a natureza, na sua luta multimilenar pela sobrevivência, em particular nesta “estrada ambulante” que é o Tejo.

Esta construção sempre ali existiu desde 1580, à vista de toda a gente que por ali passava. Porém, com a contínua perda de importância do rio como via de comunicação, sobretudo depois da chegada do caminho-de-ferro e da camionagem, ela encontrava-se praticamente perdida, e até o topónimo fora já de todo esquecido. Como é que tal memória foi recuperada? Como é que cheguei a ela? O que é que existe acerca dela? Em que estado se encontra presentemente este património? E como é que se poderá preservá-lo e valorizá-lo?

É o que me proponho “comunicar”. Há já um projeto de preservação integrada para ele, traduzido numa proposta concreta de classificação levada pela Câmara de Abrantes ao IGESPAR / DGPC. Nessa proposta previa-se, por exemplo, a inventariação do património de arqueologia industrial (p. ex., moinhos / azenhas, fornos de cal, lagares), ou de outra arqueologia funcional, como açudes, canais ou caneiros, pontes, cais e pesqueiras, caminhos de sirga... No caso do Canal de Alfanzira, este património até poderia ser recuperado e valorizado turisticamente.

Mas nada surtiu efeito até agora. Aqui fica de lembrança, uma vez mais.

Arqueologia da Arquitetura - Contributo para o estudo da Sé de Lisboa.

Sofia Silvério^{1,2}

1 - Centro Português de Geo-História e Pré-História; 2 –Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)

Palavras-chave: Arqueologia da Arquitetura, Evolução Construtiva, Sé de Lisboa.

O estudo da Sé de Lisboa, através da denominada Arqueologia da Arquitetura, permitiu estudar as principais etapas da evolução construtiva daquele edifício, desde a sua fundação até à atualidade, tendo-se detetado, pelo menos, seis importantes fases de campanhas de obras.

Assim, a primeira corresponde ao século XII e ao edifício primitivo do templo; a segunda aos finais do século XII e inícios do século XIII, a quando a anexação à fachada norte do Camarim do Patriarca; a terceira aos finais do século XIII e inícios do século XIV, a que corresponde a construção do claustro, Capela de São Bartolomeu, e à alteração da cabeceira da igreja; a quarta etapa concerne ao século XVII e à anexação da Sacristia à parede da fachada sul, construção da Capela do Santíssimo Sacramento e compartimento para arrumos na parede da fachada norte. Correspondente ao século XVIII a quinta fase, que representa as obras de restauro após terramoto de 1755, nomeadamente a recuperação da quase totalidade da torre sul. A sexta e última fase, representa as obras de recuperação dos inícios do século XX, especialmente, a dotação do edifício da Sé de Lisboa de merlões, vários pequenos restauros, abertura de janelas nas torres sul e norte, e janela ogival na parede sul da muralha do claustro.

Património Histórico da Chamusca: do século XVI à atualidade.

Mário Santos

Centro Português de Geo-História e Pré-história; mariosantos@cpgp.pt

Palavras-chave: Chamusca, património, História

Criada em 1449, por doação à família de D. Ruy Gomes da Silva, a Chamusca está situada no coração do Ribatejo, apresentando um vastíssimo património, que mostra o coração e a alma das gentes desta terra. Testemunho desta doação é a presença do brasão do Leão rompante na heráldica chamusca. Este património está intimamente ligado a vários episódios e personalidades da história de Portugal, como é o caso do casamento de D. Manuel I, na Igreja de S. Brás. A provar estão as muitas igrejas presentes no concelho e a presença de algumas construções e casas senhoriais que se perpetuaram através dos tempos. Nesta comunicação pretende-se apresentar algum deste património e a sua evolução ao longo do tempo.

Os Recintos Líticos do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova).

João Carlos Caninas^{1,2}; Francisco Henriques²

1 - CHAIA - Universidade de Évora; 2 – Associação de Estudos do Alto Tejo

Palavras-chave: Recintos líticos, Época Moderna, Idanha-a-Nova

Nos anos 90 do séc. XX, no âmbito de projetos de investigação desenvolvidos pela AEAT, foram descobertas no Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova) duas estruturas subcirculares definidas por pedras fincadas no solo, de características heterogéneas, então qualificadas como recintos megalíticos.

Em 1990-2000 as sondagens arqueológicas executadas num desses recintos não foram conclusivos quanto à sua cronologia mas proporcionaram resultados interessantes para a sua caracterização estrutural. Esses trabalhos permanecem inéditos embora tenham sido mencionados em algumas publicações respeitantes às pesquisas efetuadas em sepulturas megalíticas naquela mesma região.

Além da apresentação dos resultados das pesquisas ali efetuadas discute-se a problemática da cronologia, aparentemente moderna, o contexto destas estruturas complexas e estabelecem-se comparações com estruturas equiparáveis no espaço peninsular e em particular com estruturas galegas.

Acompanhamento Arqueológico das Obras na Quinta do Pátio de Água: Notícias Preliminares sobre a Necrópole da Ermida de Santo António (Montijo)

Liliana Campeão dos Santos
Arqueóloga

Palavras-chave: Sondagens arqueológicas, Montijo, Quinta do Pátio de Água

Apresentam-se os dados preliminares sobre os trabalhos arqueológicos realizados durante as obras de requalificação da Quinta do Pátio de Água (Montijo), os quais incluíram a realização de uma sondagem de diagnóstico no interior da Ermida de Santo António.

As autoras referem a presença de uma necrópole cristã, bem como, identificam algumas estruturas e artefactos arqueológicos, que ajudam a compreender a História da Quinta do Pátio de Água, com reminiscências desde o século XVI/ XVII.

O Livro de Visitações da Paróquia do Fratel (1538-1711): imagens de uma comunidade rural.

Maria José de Araújo Martins
Escola Superior de Educação de Lisboa (professora aposentada)

Palavras-chave: Fratel; livro de visitações; sociedade rural;

Apresenta-se um códice que constitui uma fonte histórica com informação direta sobre a vida no território do Fratel, ao longo de um período dilatado de cerca de 170 anos. Contém o registo de assuntos tratados nas visitas anuais de representantes da Diocese (neste caso o Bispado da Guarda) às paróquias, para verificar o cumprimento e a correção do culto religioso.

Pretende-se comunicar os passos dados, até ao momento, no estudo deste documento: a fase inicial para assegurar a sua preservação e segurança e o necessário registo digital, seguida do exigente trabalho de transcrição, base para o seu estudo temático.

Está agora em curso a análise sistemática dos conteúdos, a qual permitirá reconstituir alguns aspetos relevantes da vida desta região, como sejam: a distribuição do povoamento no território da paróquia; normas para o culto e o disciplinamento social; papéis dos fregueses na administração da igreja, quanto às funções do culto e aos bens patrimoniais; as obras nos edifícios religiosos e a construção da Matriz do Fratel; romarias, festas, danças e disciplina; produtos da terra e do trabalho; figuras da população e da hierarquia da Igreja, além de outros.

Selecionaremos uma ou outra referência do texto que ilustre alguma das temáticas referidas.

***Posicionamento estratigráfico nos terraços do Baixo Tejo e datação absoluta dos principais sítios arqueológicos do Paleolítico Inferior a Paleolítico Superior
(Vila Velha de Ródão a Lisboa)***

Pedro Proença Cunha^{1, 2}

1 - MARE – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente; 2 - Departamento de Ciências da Terra da Universidade de Coimbra; pcunha@dct.uc.pt; mariampo@gmail.com

Palavras-chave: terraços fluviais, Paleolítico, datação, rio Tejo, Portugal.

As várias unidades estratigráficas que resultaram da evolução do rio Tejo em Portugal, possuem distintas características sedimentares e indústrias líticas: uma unidade culminante do enchimento sedimentar (o ancestral Tejo, antes do início da etapa de incisão) - SLD13 (+142 a 290 m, acima do leito atual; com provável idade 3,7 a 1,8 Ma), sem indústrias identificadas; terraço T1 (+84 a 153 m; ca. 1000? A 900 ka), sem indústrias; terraço T2 (+57 a 112 m; idade estimada em ca. 640 ka), sem indústrias; terraço T3 (+43 a 78 m; ca. 460 a 400 ka), sem indústrias; terraço T4 (+26 a 63 m; ca. 340 a 154 ka), Paleolítico Inferior (Acheulense) em níveis intermédios e da base do terraço mas Paleolítico Médio inicial em níveis do topo; terraço T5 (+5 a 28 m; 135 a 73 ka), Paleolítico Médio (Mustierense, com talhe *Levallois*); terraço T6 (+3 a 14 m; 62 a 32 ka), Paleolítico Médio final (Mustierense final); Areias da Carregueira (areias eólicas) e coluviões (+3 a ca. 150 m; 32 a 12 ka), Paleolítico Superior a Epipaleolítico; e o enchimento da planície aluvial (+2 a 8 m; 20 ka a atual), Mesolítico e indústrias mais recentes.

Este trabalho faz a caracterização e interpretação de dados sedimentares, tectónicos, climáticos e da ocupação humana do Baixo Tejo, bem como compara com as indústrias líticas identificadas nos terraços da Bacia do Alto Tejo (Espanha).

Cronologia dos Terraços mais Antigos do Rio Tejo na Região de Vila Nova da Barquinha.

Jorge Cristóvão¹, Pierluigi Rosina^{2, 3}

1 – Instituto Terra e Memória; 2 – Instituto Politécnico de Tomar; 3 – Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

Palavras-Chave: Baixo Rio Tejo, Terraços Fluviais Quaternários, Datação ESR, Regressão Linear, Ocupação Humana.

Em Portugal, os terraços fluviais do rio Tejo têm na última década sido alvo de diversos estudos morfoestratigráficos, com vista à construção de um quadro geocronológico. O interesse sobre os terraços fluviais não está exclusivamente relacionado com a geomorfologia, também está relacionado com o estudo das ocupações humanas mais antigas do território. De facto os sítios mais antigos encontram-se neste tipo de depósitos. As limitações técnicas dos métodos de datação e a falta de restos fósseis impediram até ao momento de ter uma cronologia fiável para os primeiros degraus da escadaria de terraços. Apresenta-se nesta comunicação um quadro cronológico para os terraços mais antigos do baixo Tejo, na zona de Vila Nova da Barquinha baseado nas recentes datações por Electron Spin Resonance (ESR) - Ressonância Electrónica de Spin. Foram obtidos resultados para quatro (T1-T3-T4 e T5) dos seis terraços que constituem a escadaria fluvial do Baixo Tejo. Para os depósitos sem datas ESR foi utilizada a regressão linear para obter datas prováveis para os terraços T6 e T2.

Acompanhamento Arqueológico da Construção do Parque Ambiental do Tejo/Foz do Enxarrique - Valorização do Sítio Arqueológico do Enxarrique

Sofia Ferreira

Centro Português de Geo-História e Pré-história

Palavras-chave: Foz do Enxarrique, Mustierense, Acompanhamento Arqueológico, Valorização patrimonial

Situada na margem do rio Tejo, em Vila Velha de Rodão, a estação arqueológica da Foz do Enxarrique destaca-se como um importante sítio do Paleolítico Médio final na Península Ibérica. Caracterizado pela existência de um horizonte rico e extraordinariamente bem conservado, com abundante fauna e indústria lítica, o local foi, recentemente, alvo de um projeto de valorização e musealização. O presente póster pretende mostrar o acompanhamento arqueológico feito durante os trabalhos de construção do Parque Ambiental do Tejo/Valorização da Foz do Enxarrique.

O Sítio Arqueológico da Boca do Chapim Norte (Cabo Espichel - Sesimbra)

Silvério Figueiredo^{1,2,3} e Alexandra Figueiredo^{2,3}

1 - Centro Português de Geo-História e Pré-História; 2 - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; 3 – Instituto Politécnico de Tomar;

Palavras-chave: Espichel; indústrias holocénicas, quartzo

A Boca do Chapim (Norte), localizado na Península de Setúbal, na zona do Cabo Espichel, é uma estação arqueológica de superfície atribuída à Pré-História Recente. Este sítio foi descoberto e escavado no âmbito dos projetos de investigação pré-histórica do Cabo Espichel, promovidos pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História e aprovados pelos organismos que tutelam a arqueologia em Portugal. Apresenta um conjunto lítico bastante numeroso constituído por alguns utensílios e restos de talhos, que predominam. As matérias-primas são o quartzo, em maior número, o quartzito e o sílex.

Templários na Cardiga

Liliana Oliveira

Câmara Municipal da Golegã

Palavras-chave: Templários, Quinta da Cardiga, Rio Tejo, Golegã

Os templários estiveram na Quinta da Cardiga a partir do ano de 1169, altura em que a Cardiga foi doada aos Templários, pelo rei D. Afonso Henriques, essa doação foi de grande importância para a Ordem uma vez que a Quinta começou a fazer parte da defesa do reino, em conjunto com alguns castelos, fazendo parte da denominada linha de defesa do Tejo. Com a extinção da ordem, este local, passou para a Ordem de Cristo, até que chegou ao domínio privado, estado em que atualmente se encontra. Este póster, visa dar a conhecer a Ordem e a Quinta da Cardiga local que por muitos anos acolheu os templários e que atualmente é uma comenda Templária.

***A Coleção Paleolítica da Escola Secundária José Relvas –
Alpiarça.***

Mário Santos

Centro Português de Geo-História e Pré-história; mariosantos@cpgp.pt

Palavras-chave: Alpiarça, Paleolítico, AIDIA, Escola Secundária de José Relvas.

Em Alpiarça existem vários registos de ocupação humana desde o Paleolítico Inferior à atualidade. O registo Paleolítico tem sido estudado por importantes nomes da arqueologia portuguesa, dos quais se podem destacar, entre outros, Georges Zbyzewski, Henri Breuil e Luís Raposo. Este póster pretende apresentar o acervo arqueológico depositado, na Escola Secundária de José Relvas, doado pela AIDIA (Associação Independente para o Desenvolvimento Integrado de Alpiarça). Este estudo foi realizado no âmbito do estágio de final de curso, do Curso de Gestão do Território e Património Cultural- Variante de Arqueologia, do IPT (Instituto Politécnico de Tomar).

Arte Rupestre do Vale do Tejo - Alguns apontamentos

Cristina Maria Grilo Lopes

CCSP

Palavras-chave: Arte rupestre, Vale do Tejo, núcleos.

Foram identificados diversos núcleos de arte rupestre, distribuindo-se ao longo de 40 km, nas duas margens do Tejo. São eles, de nascente para poente: Cachão de São Simão, Nisa Alagadouro (submerso), Nisa Lomba da Barca (submerso), Nisa Cachão do Algarve (submerso), Vila Velha de Ródão Ribeira do Ficalho (submerso), Nisa Fratel (submerso), Vila Velha de Ródão Chão da Velha (submerso), Nisa Silveira (submerso), Vila Velha de Ródão Gardete, Vila Velha de Ródão Rio Ocreza, Mação. O póster mostra imagens dessa arte dos nossos antepassados.



Especialistas em Informação Geográfica

A FlyGIS é uma Startup dedicada à aquisição rápida de informação geográfica detalhada (em terra e no ar) com recurso a veículos aéreos não tripulados UAV, modelação 3D, produção cartográfica e análise espacial, nos sectores do ordenamento do território, cartografia e agricultura de precisão.

Os nossos UAV poderão ser uma ajuda preciosa na solução do seu problema através do fornecimento de fotografia multiespectral (RGB, NIR, TIR), com elevadíssima resolução espacial, actual e facilmente actualizável.

Serviços

- *Modelação 3D*
 - 3D Cloud Points*
 - 3D Surface Model*
 - 3D Texturized Model*
- *Cartografia topográfica e temática*
 - Planimetria: Ortofotocartografia*
 - Altimetria: DSM, DEM, Curvas de Nível*
- *Apoio à Gestão Agrícola*
 - Análise do vigor das plantas NDVI*
 - Monitorização SIG (água solo e plantas)*
 - Estimativas de produtividade*

Voamos baixo mas oferecemos a melhor, mais rápida e barata solução do mercado.


Contactos

(+351) 918455398

flygis.geral@gmail.com

www.facebook.com/flygis.drones





Obtenha os seus resultados de radiocarbono
antes que a sua pesquisa fossilize

BETA

Beta Analytic

Datações radiocarbónicas
Desde 1979

- Resultados a partir de 2-3 dias
- Consultas respondidas em 24 horas
- Resultados disponíveis on-line

Australia Brazil China India Japan Korea UK USA

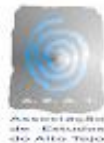
www.radiocarbon.com



Centro Português
de Geo-História
e Pré-História



VILA VELHA
DE RÓDÃO



MUSEU MUNICIPAL
DE ÉVORA

Apoio Institucional



Caixa Geral
de Depósitos

Patrocinadores



Radiocarbon Dating
Dendrochronology
Beta Analytic



FlyGIS
UAV SURVEYS

Parceiros



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



PATRIMÓNIO
CULTURAL



MUSEU
NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA



naturtejo
GEO.PARK



Geoparks



MUSEU DE ARTE
PRÉ-HISTÓRICA
Mação



INSTITUTO TERRA E MEMÓRIA



entendimento
GLOBAL